

Atividades com Comunicação & Educação Ano XIV – n. 1

Ruth Ribas Itacarambi

Doutora pela Faculdade de Educação da USP.

Educadora e pesquisadora do CAEM – Centro de Aperfeiçoamento do Ensino da Matemática do IME-USP. Professora da FOC – Faculdade Oswaldo Cruz.

Membro da Equipe SiteEducativa.

E-mail: ruthri@uol.com.br

Resumo: As atividades nesta edição estão organizadas em três eixos de reflexão. O primeiro tem como propósito analisar a experiência de ser jovem a partir da dimensão socializadora da música, trazer para a escola o universo da música enquanto linguagem e estudar seu potencial mediador de realidades objetivas e subjetivas, diante da lei que torna obrigatório o seu ensino nas escolas públicas. O segundo, a relação entre a indústria fonográfica e o jovem com as tecnologias digitais de criação, gravação, distribuição e consumo de música, gerando o compartilhamento de conteúdos *on-line* e o fortalecimento da produção independente. Dando continuidade a esta reflexão, propomos a atividade que trata do acesso democrático aos meios de comunicação. No terceiro eixo retomamos a questão do jovem, sua identidade e memórias a partir de acervos que podem colaborar para a sua formação de leitor crítico, tornando-o capaz de olhar a publicidade como gravadora de conhecimento em diversas áreas da sociedade.

Palavras-chave: educação, música, linguagem, tecnologia, memória.

Abstract: This issue's activities are organized in three axes for reflexion. The first one proposes the analysis the experience of being young starting from the socializing dimension of music, bringing to school music as language and studying its mediator potential for objective and subjective realities in face of the law that makes mandatory its teaching in public schools. The second one proposes to analyze the relation between the phonographic industry and the youth with digital technologies of creation, recording, distribution and consumption of music, generating the sharing of online contents and the strengthening of independent production. Giving continuity to this reflexion, we propose the activity that deals with the democratic access to media. In the third ax, we retake the issue of youth, its identity and memories from collections that can collaborate for its formation of critical reader, making them able to look at advertising as knowledge recorder in several areas of society.

Keywords: education, music, language, technology, memory.

A música, eu considero um princípio, como um indispensável alimento da alma humana.

Por conseguinte, um elemento e fator imprescindível à educação da juventude.

Heitor Villa-Lobos¹

1. CARDOSO, Maria Izabel Vieira et al. **Brasil novo**, composto por Villa-Lobos nos anos de 1937-1945: matéria de estudos historiográficos. Disponível

O cenário da educação brasileira abre espaço para um novo desafio: a música na sala de aula, reconhecendo a importância da musicalização na vida presente e futura de crianças e jovens. Falar em futuro é retomar a sabedoria do passado, nas palavras do mestre maestro Heitor Villa-Lobos: “Um povo que sabe cantar está a um passo da felicidade. É preciso ensinar o mundo inteiro a cantar”.

UM POUCO DE HISTÓRIA PARA ENTENDER A EDUCAÇÃO MUSICAL NO BRASIL

O ensino da música começou a ser realizado nos colégios religiosos ligados aos corais de igrejas. O grande incentivo veio com o Canto Orfônico, implantado em 1930 pelo maestro Heitor Villa-Lobos. O projeto foi apoiado pelo então presidente Getúlio Vargas, que reuniu 40 mil vozes em uma apresentação no estádio São Januário, no Rio de Janeiro. Com o fim da era Vargas, em 1945, e a morte do maestro Villa-Lobos, em 1959, as iniciativas musicais na educação básica nacional foram praticamente nulas. Em 1971, o governo militar instituiu a obrigatoriedade da Educação Artística, reunindo os conteúdos de artes cênicas, plásticas e música em uma única matéria. Somente em 1996, com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), foi determinada a separação das disciplinas, porém a legislação não explica como isso deve ser realizado, nem estipula carga horária e obrigatoriedade².

A Lei n. 11.769, publicada no *Diário Oficial da União* no dia 19, altera a LDB n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e torna obrigatório o ensino de música no ensino básico. No ensino geral de artes, a escola pode oferecer artes visuais, música, teatro e dança. Com a alteração da LDB, a música passa a ser o único conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, ou seja, o planejamento pedagógico deve contemplar as demais áreas artísticas. Até 2011, uma nova política definirá em quais anos da educação básica a música será incluída e em que frequência.

A questão que se coloca é o que esta lei acrescenta aos jovens no seu processo de formação para a sociedade contemporânea?

O artigo de Maria das Graças Jacintho Setton, *Reflexões sobre a dimensão social da música entre os jovens*, contribui para esta reflexão ao manifestar a intenção de analisar a extensão social da música. O artigo retoma as características do jovem, quando relata que ainda que seja impossível determinar uma única forma de vivenciar a juventude, refletir sobre as tensões e expectativas do jovem é falar de uma sociedade contemporânea. Segundo a autora, “práticas como a dança, a música, a drogadição e o engajamento político, ainda que muito díspares, propiciam o conforto de pertencimento a um grupo”. Explorando a construção de sentido da expressão cultural musical, é destacada a dimensão desta enquanto linguagem, ressaltando

em: <<http://www.webartigos.com/articles/10146/1/brasil-novo-composto-por-villa-lobos-nos-anos-de-1937-1945-materia-de-estudos-historiograficos/pagina1.html>>. Acesso em: 11 set. 2008.

2. Ibid.

sua importância socializadora e a capacidade de construir sentidos. É lembrado ainda que a música, enquanto linguagem, é muito estimulada pelo mercado cultural, mas também possibilita observar um canal de mediação entre a subjetividade e exterioridade do jovem.

Na abordagem da juventude e da questão do mercado cultural, o artigo da seção Crítica, de Gisela G. S. Castro, *O inovador lançamento de In Rainbows: contribuição para o debate sobre direitos autorais na cena digital*, analisa o papel da indústria do entretenimento e do audiovisual como eixos organizadores dos padrões econômicos e socioculturais do mundo contemporâneo, reconhecendo que o som gravado ocupa lugar de destaque. Para a autora, a apropriação social de tecnologias digitais de criação, gravação, distribuição e consumo de música ocasiona, dentre outros fatores, o compartilhamento de conteúdos *on-line* e o fortalecimento da chamada produção independente. Estes novos hábitos de consumo, aponta, revelam-se polêmicos, pois essa prática leva milhões de internautas em todo o mundo a trocar música gratuitamente e ampliar seus conhecimentos acerca de músicas e bandas em *blogs* e redes sociais como o *MySpace*³. A indústria fonográfica majoritária considera o compartilhamento gratuito um ato de pirataria, por ferir as leis vigentes de proteção aos direitos autorais. Por outro lado, artistas e bandas se dividem ao opinarem sobre a questão.

Ainda na construção das subjetividades dos jovens, temos o artigo de Alexandre Almeida Barbalho, *Imagens constituintes: um exercício de análise de (contra)discurso* que discute o programa *NoAR*, realizado por jovens das classes populares de Fortaleza e veiculado na TV pública do Estado do Ceará. Segundo o autor, a força constituinte do projeto está no processo de sua produção, quando se estabelece entre os jovens uma comunidade de sentidos e de afetos, no convívio entre eles que, a todo momento, exigia a relação com o outro. As interações (sociais, afetivas, simbólicas) que aconteceram ao longo do trabalho entre esses jovens resultaram na produção de subjetividades singulares, com todas as suas contradições e ambiguidades.

Na perspectiva de repensar o passado, o artigo da seção Experiência, de Vanessa Freitag, *Memórias de infância: possibilidades e vivências no processo criativo docente*, apresenta como objetivo principal investigar, descrever e analisar as memórias de infância relatadas por três professoras de Artes Visuais da Casa de Cultura de Santa Maria-RS e, através destas, possibilitar vivências e reflexões acerca do processo criativo docente delas.

Já o artigo de Maria Helena Steffens de Castro, *Construindo um novo espaço imaginário da publicidade na virada do século*, propõe uma reflexão sobre o uso de documentos que fazem parte de acervos para a confecção de trabalhos de pesquisa acadêmica, e como podem colaborar para a formação de um leitor crítico que seja capaz de relacionar a publicidade como gravadora de conhecimento em diversas áreas da sociedade. O artigo tem como fonte o catálogo informatizado do Núcleo de Pesquisas em Ciências da Comunicação (NUPECC).

3. Disponível em: <<http://www.myspace.com>>.

As atividades nesta edição estão organizadas em três eixos de reflexão. O primeiro tem como propósito analisar a experiência de ser jovem a partir da dimensão socializadora da música, trazer para a escola a dimensão da música enquanto linguagem e estudar seu potencial mediador de realidades objetivas e subjetivas, diante da lei que torna obrigatório o seu ensino nas escolas públicas. O segundo, a relação entre a indústria fonográfica e o jovem com as tecnologias digitais de criação, gravação, distribuição e consumo de música, gerando o compartilhamento de conteúdos *on-line* e o fortalecimento da produção independente. Dando continuidade a esta reflexão, propomos a atividade que trata do acesso democrático aos meios de comunicação. No terceiro eixo retomamos a questão do jovem, sua identidade e memórias a partir de acervos que podem colaborar para a sua formação de leitor crítico, e tendo como referência o artigo de Maria Helena de Castro, que propõe que o jovem seja capaz de olhar a publicidade como gravadora de conhecimento em diversas áreas da sociedade.

PRIMEIRA ATIVIDADE

Música: elo entre o jovem e a sociedade

A atividade objetiva refletir sobre aspectos da socialização do jovem a partir da linguagem musical e a construção de sua identidade, na perspectiva de Setton, com o artigo *Reflexões sobre a dimensão social da música entre os jovens*, que destaca a dimensão de integração da linguagem musical e sua capacidade de construir identidades. Tomar a música como elo entre o jovem e a sociedade, para a autora, é resgatá-la como comunicação entre as subjetividades e a realidade objetiva, ou seja, a sensibilidade de esclarecer as relações de sentido entre um fato social, a música e suas possíveis influências nas ações individuais.

A atividade que propomos pode ser trabalhada no Ensino Médio e nos diferentes anos dos cursos de graduação das áreas de comunicação, de artes e de música. Está organizada na seguinte sequência didática:

Leitura do artigo ressaltando os seguintes temas:

- Qual o significado dado pela autora à dimensão social da música enquanto linguagem?
- Como o jovem é abordado no artigo?
- Que resposta a autora oferece à pergunta: *Como a música pode socializar, como pode ajudar a falar da difícil tarefa de construir a identidade do jovem de hoje?*
- O poder da linguagem na vida cotidiana.

Realizar a síntese das ideias surgidas em cada tema, ressaltando o significado da linguagem e sua função de comunicação e interação entre os indivíduos e o universo cultural que os cerca.

Retomar a questão apresentada pela autora e conversar sobre a lei que torna obrigatório o ensino de música.

Propor que os alunos, em grupo, registrem em uma tabela os seguintes itens:

- Onde e quando ouvem música, por exemplo: em casa, na escola, no trabalho, na hora de estudar, e outros.
- Quantas horas por dia ouvem música.
- Que equipamentos sonoros costumam utilizar (rádio, leitor de CDs, MP3 *player*, iPod, outros).
- Sendo o ensino de música obrigatório pela Lei n. 11.769, que conteúdos gostariam que estivessem contemplados na programação.

Elaborar um quadro-síntese dos dados obtidos nos diferentes grupos e discutir o potencial da música de tecer redes de socialização, apontado no artigo, e o significado do ensino obrigatório de música.

Para finalizar, propomos que o professor retome com os alunos o tema: *Mas o que tem a ver a questão da linguagem com o mundo jovem?*, do artigo de Gisela G. S. Castro, que aborda as características do jovem na sociedade contemporânea e uma específica maneira de ele fazer uso da linguagem musical.

O professor poderá complementar estas informações consultando a revista *Comunicar*, citada no artigo de Gómez, *O Grupo e a revista científica Comunicar*, em particular a de n. 23, que tem como tema Música e Comunicação; e também o artigo de Delalande: *La enseñanza de la musica en la era de las nuevas tecnologías*⁴. E, na revista *Comunicação & Educação*, o artigo de R. Fíguro e M. Baccega, *Sujeito, comunicação e cultura*⁵.

SEGUNDA ATIVIDADE

A indústria fonográfica e o jovem com as tecnologias digitais – pirata?

O artigo da seção Crítica, de Gisela G. S. Castro, *O inovador lançamento de In Rainbows: contribuição para o debate sobre direitos autorais na cena digital*, analisa a indústria fonográfica e comenta não ser exagerado afirmar que o som gravado ocupa lugar de destaque, pois ouvir música é uma prática da maioria dos jovens. A apropriação social de tecnologias digitais de criação, gravação, distribuição e o consumo de música ocasionam, segundo a autora, o compartilhamento de conteúdos *on-line* e o fortalecimento da produção independente.

Estudar o consumo de música digital, o fortalecimento da produção independente e o entendimento dos direitos autorais nesse contexto são os objetivos desta atividade, que está organizada na seguinte sequência didática:

1. Levantar o gosto musical do grupo classe a partir das seguintes perguntas:

4. DELALANDE, François. La enseñanza de la musica en la era de las nuevas tecnologías. *Comunicar*, Huelva-Es: Grupo Comunicar, n. 23, p. 17-23, 2004. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/158/15802304.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2008.

5. PAULINO, R. A. Fíguro; BACCEGA, M. A. *Sujeito, comunicação e cultura. Comunicação & Educação*, São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, ano V, n. 15, p. 62-80, maio/ago. 1999. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/comeduc/article/view/4089/3841>>.

- Qual a sua banda, dupla ou artista preferido?
- Quais são suas músicas preferidas?

2. Propor que os alunos, em grupo, pesquisem nos *sites* de relacionamento – *Orkut, Facebook, MySpace* –, no espaço destinado ao usuário, a lista das músicas mais citadas e seus respectivos intérpretes e bandas.

3. Fazer a síntese das informações dos itens 1 e 2, apontando as identidades encontradas entre os jovens do grupo classe e os jovens das comunidades virtuais.

O professor deve aproveitar para comentar que o estilo ou gênero musical é elemento revelador do jovem e de sua forma de estar no mundo, porque ele manifesta nos seus gostos as possíveis afinidades de grupo, as redes de sociabilidade e as referências de identidade. Como é possível verificar no artigo de Gisela Castro, é admissível afirmar que os estilos musicais são capazes de cumprir uma função de integração grupal e, portanto, revelar identidades. E que a música, além de ser entretenimento, pode representar uma via de interação entre o jovem e o mundo, e, mais ainda, a linguagem musical seria a fonte de subjetivação.

Propor a leitura do artigo *O inovador lançamento de In Rainbows: contribuição para o debate sobre direitos autorais na cena digital*, em grupo, e discutir os itens:

- Fãs, ladrões, piratas – analisar a questão da produção independente e o exemplo da banda *Radiohead*.
- A música *On the go* – o que é, suas modalidades e a estratégia da banda *Radiohead*.
- Cultura remix, cibercultura e direitos autorais – analisar a maleabilidade do som digital e sua interatividade; buscar exemplos no Brasil.

É importante refletir com os jovens as opiniões dos autores Lemos e Lévy, citados por Gisela Castro, que identificam o remix no centro da cibercultura e que nasceu do ideal da colaboração e do livre compartilhamento de ideias e conteúdos; bem como de Castells, que percebeu na internet um novo modelo de organização das sociedades e dos negócios. Como fechamento, fazer a leitura do último parágrafo do artigo que ressalta as campanhas antipirataria e a posição de alguns artistas mostrando outros caminhos, como o da banda *Radiohead*.

TERCEIRA ATIVIDADE

O acesso democrático aos meios de comunicação

O artigo *Imagens constituintes: um exercício de análise de (contra)discurso*, de Barbalho, discute o poder da mídia de fazer existir socialmente os discursos, apresentando a ideia de que a cidadania começa com o acesso democrático aos meios de comunicação. A retomada desse poder pelos jovens tem um

caráter criativo, originário, libertador e se refere à vontade democrática, cuja relação essencial se dá entre criação e multiplicidade, com o trabalho vivo da sociedade.

Com o propósito de produzir um programa musical criativo dentro dos padrões da sociedade de consumo atual e, desse modo, fazer sentido para o público-alvo – o jovem –, organizamos a seguinte sequência didática para alunos do ensino básico e dos cursos de graduação de Comunicação e Pedagogia:

- Propor que os alunos, em grupos, façam uma pesquisa sobre as músicas mais significativas de suas bandas preferidas, organizem uma sequência de melodias e produzam uma mídia. Esta pode ser um CD, DVD, videoclipe ou vídeo.
- Fazer a apresentação dessas mídias na escola, aproveitando os espaços de comunicação coletivos e, em particular, nos intervalos da aula, ou sugerir a criação deste espaço.
- Registrar o envolvimento dos jovens com as mídias produzidas.
- Fazer a síntese do trabalho, discutindo como foi o processo de criação nos grupos e, depois, a divulgação nos espaços coletivos.

Chamar a atenção dos alunos para a constatação de Barbalho no artigo *Imagens constituintes: um exercício de análise de (contra)discurso*, e questionar se o tempo de partilhamento e solidariedade realizado na atividade em sala propiciou que *criassem entre si uma comunidade de sentidos, de afetos, trazendo outras questões relacionadas à construção da cidadania*.

Como subsídio para o professor, analisar as diferentes contribuições dos alunos na questão proposta e, para fazer o fechamento da atividade, sugerimos a leitura dos itens: *Potência contradiscursiva das minorias constituintes: uma análise específica* e as *Considerações finais* de Barbalho.

QUARTA ATIVIDADE

O jovem, sua identidade e memórias

A escola está perdendo importância na medida em que está sendo incapaz de interagir com o mundo cultural dos jovens e, para continuar a ser necessária, precisa, dentro do possível, buscar novos modos de ensino. O artigo de Freitag, *Memórias de infância: possibilidades e vivências no processo criativo docente* traz uma colaboração para esses novos modos, pois apresenta como objetivo principal investigar, descrever e analisar as memórias de infância relatadas por três professoras. Já o artigo de Maria Helena Steffens de Castro, *Construindo um novo espaço imaginário da publicidade na virada do século* dá continuidade a essa busca ao propor uma reflexão sobre o uso de documentos de acervos como instrumentos para revisão da história.

Com o propósito de resgatar a memória por meio das informações e imagens armazenadas pelas pessoas e apresentadas através de narrativas, sugerimos a atividade, sendo o público-alvo os jovens do ensino médio e dos cursos de Pedagogia, Artes e História:

- Para os jovens do ensino médio, iniciar o diálogo em sala de aula sobre as memórias de infância de cada um, registrando os principais momentos num quadro. Na organização dos registros, o professor precisa lembrar que a base social da memória, segundo Freitag, constitui-se na família, nas classes, nos grupos de referência entre eles e a escola, ou seja, toda memória é produto das relações sociais e das interações em que a linguagem participa ativamente.
- Propor que, em grupo, os alunos façam a leitura do tema *A memória em movimento* do artigo *Memórias de infância: possibilidades e vivências no processo criativo docente*.
- Fazer a síntese das ideias de cada grupo, discutindo a partir do tema *A memória em movimento* a importância das memórias na construção do conhecimento, em especial nas áreas de História e Ciências Sociais, pois estudar a memória é trazer informações e imagens armazenadas pelas pessoas e apresentadas por meio de narrativas escritas ou orais.
- Dar continuidade à reflexão sugerindo a leitura do artigo de Maria Helena de Castro, *Construindo um novo espaço imaginário da publicidade na virada do século*.
- Solicitar aos alunos que entrevistem pais e avós ou pessoas mais velhas da família sobre a propaganda em suas memórias de infância, quando ainda era denominada *reclame*.
- Classificar as informações utilizando os gêneros do artigo e comparar as marcas dos produtos citados nas propagandas nos dois momentos: o do artigo e o da entrevista.
- Na síntese, discutir aspectos da história presentes nas publicidades e suas campanhas nos dois momentos.
- É importante o aluno perceber que nos conteúdos da publicidade estão presentes aspectos da história, trazendo novas versões sobre fatos e informações de como as pessoas viviam, que produtos consumiam e suas necessidades socioeconômicas. O professor poderá retomar o artigo de Maria Helena de Castro e analisar com os alunos se as informações coletadas nas entrevistas colaboram para a formação de um leitor crítico.
- Para os alunos dos cursos de Artes e de Pedagogia, sugerimos que comecem com a leitura do artigo de Vanessa Freitag, dando especial destaque aos temas: *Memória e Arte* e *O processo criativo docente*. Os alunos poderão ter como referência suas experiências tanto estéticas como conceituais para compreender suas identidades e problematizar os seus próprios processos criativos.

Na perspectiva do trabalho docente, desenvolver uma postura reflexiva e de pesquisador interessado em modificar sua prática, lembrando que o processo criativo docente se caracteriza por estar sempre em movimento com certa incerteza, assim como o artista que cria sem saber ao certo o resultado final de seu trabalho e por isso mesmo está sempre à procura. Como diz Barbero, para a escola interagir com o horizonte cultural dos jovens o professor vai perder sua função repetitiva, sua função de, como direi, vigilante, polícia, para adquirir um *status*, um ofício muito mais alto. Nessa nova escola, a ser formada, o professor tem funções muito mais ativas, mais exigentes intelectualmente e mais criativas, porque precisará ser aquele que ajudará a formular os problemas, a sistematizar experiências, a recolher a memória de diferentes gerações que vão trabalhar sobre um mesmo tema. É essencial ajudar os jovens a assumir uma memória⁶.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Endereço eletrônico

CARDOSO, Maria Izabel Vieira et al. **Brasil novo**, composto por Villa-Lobos nos anos de 1937-1945: matéria de estudos historiográficos. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/10146/1/brasil-novo-composto-por-villa-lobos-nos-anos-de-1937-1945-materia-de-estudos-historiograficos/pagina1.html>>. Acesso em: 11 set. 2008.

DELALANDE, François. La enseñanza de la musica en la era de las nuevas tecnologías. **Comunicar**, n. 23. Huelva-Es: Grupo Comunicar, p. 17-23, 2004. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/158/15802304.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2008.

PAULINO, R. A. Fígaro; BACCEGA, M. A. Sujeito, comunicação e cultura. **Comunicação & Educação**, São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, ano V, n. 15, p. 62-80, maio/ago. 1999. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/comeduc/article/view/4089/3841>>.

<<http://www.myspace.com>>.

6. Ibid., p. 78.



Informações e critérios para publicação na REVISTA COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO

- A publicação é quadrimestral: setembro/dezembro; janeiro/abril; maio/agosto.
- Os artigos têm fluxo contínuo, podendo, portanto, ser recebidos a qualquer momento. A resposta é enviada logo após a apreciação do Conselho Editorial.
- A revista não é temática. A pauta é feita de acordo com o número de colaborações recebidas. Havendo necessidade de pautar um tema específico, solicita-se a colaboração de um especialista.
- Os artigos devem ser originais.
- Os títulos devem ser curtos, e a intertitulação é necessária.
- Os textos apresentados em congressos, simpósios e seminários são aceitos, com a condição de estarem estruturados em forma de artigos, serem inéditos e estarem de acordo com as normas de publicação.
- Os artigos devem ser encaminhados com a indicação da seção da revista para a qual são mais adequados. Para os artigos internacionais, os textos podem estar escritos em inglês, espanhol, italiano ou francês (todos serão traduzidos para o português).
- Cada artigo deverá ter no máximo 20 mil e no mínimo 14 mil caracteres, com espaço, e apresentar as referências bibliográficas completas apenas e exclusivamente nas notas de rodapé, listando ao final somente a referência bibliográfica. Quaisquer outros comentários devem estar incorporados ao texto. Os títulos de obras estrangeiras devem vir acompanhados da tradução em português, colocada entre parênteses.
- Os artigos devem trazer resumo e abstract (inseridos no início do texto) com no máximo 10 linhas e 5 palavras-chave, em português e inglês, e no caso de artigo em língua estrangeira, na língua original e em português. Devem ser digitados em times new roman, corpo 12, entrelinhas com espaço 1,5 e seguir as normas da ABNT (no caso de texto em língua estrangeira, as referências devem estar completas para que sejam reestruturadas pelo editor de acordo com a ABNT).
- Os artigos preferencialmente devem estar impressos e ser enviados pelo correio, acompanhados de arquivos eletrônicos em CD-ROM. Devem trazer as seguintes informações: título do artigo e nome do autor, além de seus dados pessoais (incluindo e-mail).
- Os trabalhos serão examinados através do sistema blind review, em que os autores não são identificados pelo conselho editorial em nenhuma fase da apreciação. Para tanto, em folha à parte, o(s) autor(es) deverá(ão) apresentar as seguintes informações:
 - a) título do trabalho;
 - b) nome completo;
 - c) titulação acadêmica máxima;
 - d) instituição onde trabalha(m) e a atividade que exerce(m);
 - e) endereço completo para correspondência;
 - f) telefone e e-mail para contato;
 - g) apontar (caso necessário) a origem do trabalho, a vinculação a outros projetos, a obtenção de auxílio para a realização do projeto e quaisquer outros dados relativos à produção do material.

Ilustrações

- As fotografias devem ser nítidas, no tamanho máximo de 9 x 14 cm, e apresentadas em formato digital padrão JPEG em 300 dpi, ou em papel brilhante, em preto e branco.
- As figuras devem ser apresentadas no tamanho máximo de 20 x 30 cm, em formato digital padrão JPEG em 300 dpi, ou em papel, em preto e branco.
- Quadros e tabelas devem ser acompanhados de título que permita compreender o significado dos dados reunidos. Assinalar, no texto, pela ordem, o local de inclusão.
- Para reimpressão de fotografias, figuras, quadros e tabelas extraídos de outros textos, deve ser indicada a fonte de referência e anexada a autorização da fonte e do autor.
- Todas as imagens devem vir acompanhadas de legenda e em arquivos separados do texto.

Endereço: Revista **Comunicação & Educação** – CCA-ECA-USP
Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, sala 12, térreo.
CEP 05508-900 – Cidade Universitária – São Paulo/SP
Fone/fax: (+5511) 3091-4063

e-mail: comueduc@edu.usp.br | site: www.eca.usp.br/comueduc